

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NO ÂMBITO DA UNIVERSIDADE

V. Coentro¹

¹DGRH – Diretoria Geral de Recursos Humanos/Unicamp
e-mail: vivi@unicamp.br

RESUMO

Atualmente as sociedades ocidentais vivem na chamada era da “globalização”, definida como um momento caracterizado pela mercadologização da vida social e cultural, pelo declínio da interioridade e da reflexividade como valores, pela valorização da imediatez do prazer; pela super individualização; pela compressão do espaço-tempo; pela desvalorização das ações coletivas. A arte de contar histórias está na contramão disso. Possibilita à imaginação, o convite à escuta, é uma ação coletiva, que fala num outro plano que não é o da razão. O contador de histórias reaparece no mundo globalizado com diferentes características, assim como o público e os locais por onde ele narra. Este relato de experiência descreve como o contador de histórias vem atuando dentro do âmbito da Universidade em eventos, semanas temáticas e/ou reuniões. O trabalho como contadora de histórias dentro da Universidade vem ocorrendo desde 2006 com o propósito de promover por meio das histórias momentos reflexivos sobre os temas tratados nos diferentes eventos que ocorrem na Universidade. O modo narrativo constrói dois panoramas simultâneos essenciais e distintos: o da ação e da consciência, e convidam os ouvintes a olharem pelos olhos das personagens e assim podem observar e refletir sobre seu próprio mundo, promovendo em aliança aos conteúdos técnicos dos eventos maior assimilação destes e resultando em boa aceitação deste tipo de trabalho.

Palavras-chave: arte de contar histórias, ambiente institucional, universidade

INTRODUÇÃO

Atualmente as sociedades ocidentais vivem na chamada era da “globalização”, definida por alguns autores como um momento caracterizado pela mercadologização da vida social e cultural, ou seja, tudo é rapidamente consumido e descartado; pelo declínio da interioridade e da reflexividade como valores e pela valorização da imediatez do prazer e da satisfação; pela super individualização; pela compressão do espaço-tempo, possibilitada pela velocidade das informações que praticamente acontecem em tempo real por meio da TV ou, principalmente, da internet, que superestimulam visual e cognitivamente as pessoas, alterando os tempos de atenção, concentração e percepção, que ficam cada vez mais rápidos e fragmentados e configuram novas percepções e construções de sentido; pela desvalorização das ações coletivas em favor da busca de soluções e ações individuais para problemas produzidos sócio-culturalmente entre outros (Fabrício, 2006, p. 47).

A arte de contar histórias está na contramão disso. Ela possibilita: o encontro com o imaginário, a criação de imagens próprias, não estereotipadas, o convite à escuta, é uma ação coletiva, presencial, concreta, que fala num outro plano que não é o da razão. Permite a distensão, a fruição, ressoa nos ouvidos, perdura nos corações que entram em contato com essa arte porque para Benjamin (1975), o narrador passa por uma experiência de assimilação das histórias que se mistura às suas próprias experiências. Esse processo de assimilação se dá em camadas profundas e exige um estado de distensão que é muito raro atualmente. Para contar histórias é preciso ter o dom de ouvir, de constituir uma comunidade de ouvintes.

Segundo Benjamin (1985, p. 205): *A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.*

Nesse sentido, Benjamin alertou para o fato de que a arte de narrar se extinguiu, pois ao contrário dessa forma artesanal de comunicar-se, a informação, o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho capitalista e a falta de tédio, ou seja, a variedade de atividades que esse modo de vida oferece, claro, para quem pode consumir, e que constituem nossa vida cotidiana moderna, contribuíram para a morte do narrador. A informação trouxe os fatos acompanhados de explicações, o que vai contra a natureza da narrativa que é justamente evitá-las. A industrialização modificou a forma como contamos o tempo expulsou da experiência humana o

cultivo daquilo que não pode ser abreviado. Para ele, a comunidade de ouvintes perdeu-se pela vida frenética das cidades e da organização do trabalho.

O contador de histórias, guardião do tesouro da arte de narrar (Machado, 2004) reaparece no mundo globalizado com diferentes características, adaptou-se à cidade, formou-se nesse seio e recriou nas suas experiências uma maneira urbana de contar histórias. E as histórias aparecem com uma roupagem contemporânea, acompanhadas de outras linguagens artísticas como a música e o teatro, fazendo alusão ao contador de histórias tradicional, evocando um tempo em que ouvir histórias fora essencial para sobrevivência. Essa forma de resgate está ligada à performance. O contador urbano, como assim vem sendo chamado, possui características próprias e diferenciadas do contador tradicional no que se refere ao grau de escolaridade, local onde reside, forma pela qual entra em contato com as histórias e com sua audiência. Geralmente, ele possui alto nível de escolaridade; está ligados às artes cênicas, plásticas, educação e/ou à literatura. O público do contador também mudou juntamente os espaços urbanos diversos como por onde o contador apresenta-se: hospitais, escolas, seminários, congressos, empresas, bibliotecas, praças, teatros, feiras, bienais, entre outros locais em que circulam também diversas práticas letradas. As histórias da tradição oral que os contadores urbanos atualmente procuram estão compiladas em livros e não na transmissão oral vivenciada. Concatenam-nas com sua performance agora não mais “natural”, baseada na vida cotidiana, mas sob técnicas que necessitam de treino e são específicas de *raconto*¹ (Veneziano, 2002): em que a voz, o gesto e o olhar com o público são essenciais para o sucesso da sua performance.

Este relato de experiência vem descrever como o contador de histórias vem atuando dentro do âmbito da Universidade em aberturas e/ou fechamentos de eventos, semanas temáticas e/ou reuniões. Longe de se estender sobre a complexidade do funcionamento desses eventos de letramento da Universidade pois necessitaria de um estudo mais profundo, o objetivo deste resumo é mostrar como isso vem ocorrendo de maneira sistemática e sob à luz da arte de contar histórias esboçar algumas hipóteses.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho como contadora de histórias dentro da Universidade vem ocorrendo desde 2006 e se iniciou à convite de um profissional da área de saúde ligada aos recursos humanos (DGRH) a fim de promovermos por meio das histórias um momento de reflexão sobre o tema tratado por este profissional dentro de um curso destinado à gerentes da Universidade.

Após este primeiro trabalho outros locais e órgãos da Universidade solicitaram este tipo de apresentação em seus respectivos eventos.

De modo geral, a contadora se reúne com a equipe organizadora em um momento anterior à apresentação para que a esta possa compreender quais são os temas tratados e objetivos a fim de selecionar os contos de maneira a confluir para um olhar reflexivo.

Durante a performance a contadora utiliza-se da expressão corporal e vocal para narrar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como reflexão do trabalho que vem ocorrendo desde então Bruner (1986) afirma que temos dois modos de funcionamento cognitivo, cada um oferecendo modos peculiares de experiência e de construção da realidade. São dois modos complementares de pensamento e não excludentes, apesar de funcionarem de maneiras diferentes um do outro. São eles: o pensamento argumentativo e o pensamento narrativo. Para Bruner (1986), o primeiro convence pela veracidade e o segundo pela semelhança com a vida ou verossimilhança. Para esta reflexão tomaremos o modo narrativo de pensamento, aquele que recorre à imaginação de forma a satisfazer o raciocínio desenvolvido pelas palestras e eventos em que temas de ordem técnica são tratados.

A aplicação imaginativa do pensamento narrativo trata de ações e intenções humanas e das vicissitudes e conseqüências que marcam o curso dessas ações. O modo narrativo constrói dois panoramas simultâneos essenciais e distintos: o da ação, da intenção ou objetivo, e da consciência, o que os personagens envolvidos na ação sabem ou não, sentem ou não, pensam etc. Esses dois panoramas convidam o leitor a entrar na vida e na mente dos protagonistas, casando a visão “interior” com a realidade “exterior”. Assim os ouvintes ao observar o mundo pelos olhos das personagens observam e podem refletir sobre seu próprio mundo.

¹“Raconto”: narração, narrativa. VENEZIANO (2002).

Como afirma Iser (1991) dentro do texto ficcional no ato de fingir, o imaginário ganha uma determinação que lhe é própria e adquire o atributo de realidade. Para o autor as relações entre o fictício, o real e o imaginário têm por base a transgressão de limites. O ato de fingir junto com a irrealização do real e a realização do imaginário cria simultaneamente essas transgressões de limites que provocam a condição para a reformulação do mundo formulado; a possibilidade a compreensão do mundo reformulado e a permissão para tal acontecimento ser experimentado. (Iser, 1991, p. 16). O fictício se movimenta entre o real e o imaginário provocando a sua mútua complementaridade. Assim assuntos genuinamente técnicos e os contos de tradição oral, fictícios são complementares do ponto de vista da compreensão do assunto tratado nos eventos os quais a contadora de histórias é convidada para narrar.

Acredita-se que dessa forma os vários momentos que as histórias propiciam, divertir e entreter são inerentes à esses momentos e, portanto, às histórias. O momento de contar histórias promove um clima de afeto entre os participantes, aproxima as pessoas e as diverte pela apreciação de sua estética. Diverte, porque as histórias convidam os ouvintes a passear pelo próprio imaginário, permitindo as pessoas criarem as imagens através das palavras. Segundo Matos (2005), o mundo das histórias nos convida a brincar com nossos próprios pensamentos, que alimentam o imaginário na formação do indivíduo, propiciando a aprendizagem.

As histórias como manifestação artística, provocam no ouvinte, o que Aristóteles chamou de *catharsis*. A catarse, segundo sua definição, pode ser entendida como a purificação das emoções, através de uma descarga emocional provocada pela arte da representação. No caso aristotélico, a tragédia grega. A representação teatral tem o intuito de levar o espectador a transcender, a se libertar de seus sofrimentos ao presenciar o sofrimento representado em um espetáculo cênico.

CONCLUSÕES

A arte de contar histórias leva à imaginação alimentando-a de maneira a propiciar a aprendizagem sob o ponto de vista de que temos dois modos complementares de pensamento: argumentativo e narrativo. A contagem de histórias provoca catarse e abertura para novos olhares reflexivos sobre o mundo e as pessoas. As histórias narradas aliadas aos conteúdos técnicos de eventos e palestras têm contribuído para uma maior assimilação destes conteúdos resultando em boa aceitação deste tipo de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ARISTOTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1992. 151 p.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In **Magia, técnica, arte, e política: ensaio sobre a literatura e a história da cultura**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-22.
- BRUNER, Jerome. **Realidade mental, mundos possíveis**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 211p.
- FABRÍCIO, Branca Falabella. Lingüística Aplicada como espaço de “desaprendizagem” redescrições em curso. In MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.) **Por uma Lingüística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola. 2006, p. 45-65
- ISER, W. **O Fictício e o Imaginário**: Perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 1991. 366p.
- MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 203 p.
- ENEZIANO, Neyde. **A cena de Dario Fo**: o exercício da imaginação. São Paulo: Codex, 2002. 232 p.